

DO CONSCIENTIZAR AO LIBERTAR: A CONTEMPORANEIDADE DA PEDAGOGIA DA PRÁTICA, EM PAULO FREIRE

Edna Maria de Oliveira Ferreira* Mestre em Educação Agrícola. IF Baiano - Campus Senhor do Bonfim. E-mail: edna.ferreira@ifbaiano.edu.br

César Costa Vitorino Doutor em Letras. UNEB - Campus I, Salvador-BA. E-mail: vitorinoleitura66@gmail.com

* Autor correspondente

RESUMO

Ressonâncias do discurso proferido por manifestantes em passeatas contra o governo federal, em março de 2015, e uma simples análise do momento atual vivido na política brasileira, em que se percebe essa fala ainda viva na sociedade, serviram de mote para leituras e reflexões sobre relações entre princípios marxistas e ensinamentos de Freire, o que resultou neste artigo. O objetivo é apontar possíveis convergências e distanciamentos entre Marx e a epistemologia de Freire para demarcar a pertinência dos construtos teóricos freirianos na contemporaneidade, esvaziando críticas aligeiradas e simplificadoras feitas sem conhecimento consistente sobre educação ou sobre a proposta pedagógica de Paulo Freire. Argumenta-se que seu construto teórico tem sido amplamente divulgado na universidade e espaços de formação, nas últimas décadas, como embasamento teórico que, conjugado a outros saberes científicos na área de ensino, de aprendizagem, das didáticas e da linguagem, mostra-se capaz de contribuir sobremaneira com uma formação libertadora, humanística e emancipadora do ser. Entretanto, por motivos diversos, não se pode afirmar que o país tenha experimentado, de fato, uma educação democrática e libertadora aos moldes de Freire. Assim, a tese que norteou as reflexões foi a de que a epistemologia freiriana, de cunho essencialmente filosófico-humanista, não é valiosa apenas porque conscientiza o sujeito, mas sim, porque possibilita ao aluno/indivíduo reconhecer-se sujeito partícipe de sua aprendizagem, o que redundará na concepção de prática educativa que encaminha para a educação libertadora e emancipadora que ainda precisa ser realidade em nosso país.

Palavras-chave: Educação libertadora. Emancipação. Marxismo. Humanismo.

INTRODUÇÃO

"Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire".

"É preciso colocar Paulo Freire em seu devido lugar, que é o lixo da história".

O espanto causado ao ouvir na ocasião, através das mídias, o discurso acima epigrafado, de manifestantes contra o governo, no mês de março/2015, nas ruas de várias capitais brasileiras, motivou-nos a proceder a novas leituras no intuito de procurar entender o que movia essas pessoas a proferirem tais ideias. Ou ainda, na tentativa de reavaliar a filosofia marxista, o neomarxismo e o construto teórico de Paulo Freire, doante PF, para buscar entender a razão pela qual estavam reivindicando que PF fosse jogado no lixo da história. Dessa maneira, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, cujos resultados são apresentados neste artigo.

As obras de Freire, pelo forte caráter humanizador e libertário, corresponderam aos anseios de uma sociedade em plena redemocratização, nas últimas décadas do século XX, em que a escola pública, popular e democrática se fez urgente. Havia necessidade de uma educação que valorizasse o sujeito, as subjetividades e o senso crítico; que compreendesse o cidadão como partícipe de sua história; que o libertasse das amarras impostas por uma educação de fortes vínculos com o eurocentrismo (SANTOS, 2010), conscientizando-o a partir de seu mundo concreto, de sua realidade, ou seja, buscava-se uma educação humanizadora e libertária.

O momento político vivido pela sociedade brasileira naquela ocasião, somado ao dinamismo das ideias, pois já se percebiam as incertezas e fragilidades de alguns conceitos de raiz positivista que, embora vigentes e dominantes ainda, já se mostravam superados; e ao mesmo tempo, a convivência com a emergência de novos conceitos, respaldados em teorias de caráter pragmático, de abordagem holística e humanista, a

exemplo da teoria da complexidade, tudo isso exigia uma nova postura, uma nova abordagem. Assim, recorreu-se a PF.

Os ensinamentos de PF continuam a corresponder aos propósitos nas décadas iniciais do século XXI, com o advento da internacionalização do mercado, exigindo cada vez mais uma educação "comunicação" como define o autor: dialógica e que coloca o sujeito como interlocutor que busca significação para os significados; sendo sujeitos de sua história, com voz ativa, tão necessária à formação emancipadora (FREIRE, 1983).

Atualmente, vivem-se momentos similares. O contexto não é o mesmo, mas as necessidades continuam quase que as mesmas e, algumas delas intensificadas por conta do saldo negativo deixado pela política econômica de aprovação total ao capitalismo ou a outras formas que assumiu, a exemplo do neoliberalismo. Por isso, julga-se que a acusação dirigida a Paulo Freire, como educador responsável pelas mazelas na educação brasileira, soa impertinente. É o que se vai buscar argumentar.

Metodologicamente, optou-se por selecionar algumas leituras, debater algumas ideias, proceder a muitas reflexões como forma de se situar no debate. E já ao final da caminhada, deparou-se com o interessante artigo intitulado "Ainda Paulo Freire: um ensaio sobre a atualidade da Pedagogia do Oprimido", de Eldon Henrique Mühl, que aborda alguns dos aspectos e fundamentos a que, previamente, propunha-se a defender e, com os quais se comunga, a exemplo da atualidade da epistemologia de PF para a formação de indivíduos livres, críticos e, desse modo, plenamente emancipados e capacitados a transformarem suas vidas e a vida dos demais ao seu entorno, numa ação em prol da coletividade e da transformação do meio.

Desse modo, evitando-se a redundância, optou-se por construir a argumentação, dialogando com Mühl (2021), dentre outros autores, levando em conta, contudo, que o leitor deste artigo pode ainda não ter procedido à leitura do ensaio de Mühl, o que sugerimos que oportunamente aconteça. Em seu ensaio, ele toma como suporte a obra Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, e analisa a importância e contemporaneidade de seus ensinamentos, bem como reconhece sua grande contribuição para o campo educacional.

Recordemos, então, alguns aspectos da teoria marxista e do neomarxismo, sempre buscando convergências ou divergências com a pedagogia libertadora de PF, na tentativa de mostrar a impertinência das críticas tecidas a PF e, ao mesmo tempo, evidenciar a contemporaneidade de seus ensinamentos, voltados a uma pedagogia da práxis: uma prática educativa que compreende a existência a partir das relações entre o objetivo e o subjetivo; entre a ação e a reflexão; entre a humanização e a educação.

MARXISMO, NEOMARXISMO E PEDAGOGIA LIBERTADORA

A filosofia e teoria econômica de Karl Marx e Friedrich Engels, de inspiração socialista e aos moldes do materialismo histórico dialético¹, denuncia a exploração da classe trabalhadora e de sua mais-valia², em favor da burguesia e dos que detêm os meios de produção, ao mesmo tempo em que busca colocar em prática ações voltadas a amenizar distanciamientos sociais entre as classes. Para eles, o comunismo seria a forma perfeita de socialismo e, assim, o proletariado deveria tomar os meios de produção através de uma revolução (PORFÍRIO, s/d online).

Contraopondo essa ideia marxista aos ensinamentos de PF e dialogando também com Mühl (2021, p. 3), quando afirma que “Ele [PF] buscava explicações e compreensões que pudessem levar o próprio oprimido a ser um artífice de sua vida”, emerge o caráter humanizador da proposta pedagógica de Freire (1987), em que fica clara a visão de que a emancipação e a libertação mobilizam para a transformação. Daí o caráter inovador de sua epistemologia como inesgotável fonte de leituras, releituras e novas significações, independentemente do tempo e dos contextos.

No fim do século XX, quando há a deterioração das relações entre patrões e empregados, não apenas no Brasil, com o desemprego e a depreciação dos salários dos empregados em alta, acirram-se os movimentos de lutas de classes. Nesse mesmo momento e, contrariamente às insatisfações do proletariado, acontece a queda do muro na União Soviética, em 1989 e as lutas de classe e outras questões pertinentes sofrem uma trégua. Mas nas primeiras décadas do século XXI, elas voltam a ganhar terreno com os descaminhos do capitalismo e do neoliberalismo econômico.

Esse quadro, de certa forma, perdura ainda hoje na sociedade capitalista e neoliberal contemporânea: de um lado, exploradores; e de outro, explorados; de um lado, monopólios e duopólios; e de outro, famintos, miseráveis e altos índices de violência e desrespeito aos direitos humanos. Algumas iniciativas a partir de orientações teórico-metodológicas e de epistemologias também diversas estão sendo experimentadas em espaços escolares, no Brasil e mundo afora, em busca de alcançar uma formação humanística e autônoma que capacite o indivíduo/sujeito a conhecer a História e construir a sua história.

Uma análise simples e não tão detida sobre esse contexto descrito acima, e as dimensões amplas e humanizadoras, características do que se convencionou chamar de ‘pedagogia do oprimido’ ou ‘da subalternidade’, pode evidenciar que, mais que a conscientização e emancipação dos oprimidos, a pedagogia proposta por Freire (1987) tem em vista a libertação dos homens como um todo, e não apenas dos oprimidos ou do proletariado. Em relação a isso e com respeito à pedagogia freiriana, Mühl (2021, p. 13) argumenta:

[...] é preciso desenvolver uma consciência que exceda a ideia da formação da consciência do proletariado e leve em conta as diferentes situações em que ocorre a opressão e a exploração dos oprimidos pelos opressores. Trata-se de desenvolver a consciência de uma população considerada “sem classe”, a população dos restos, daqueles que não apresentam potencial algum para serem incluídos no sistema de exploração capitalista. São os indivíduos que, para o sistema, são menos que escravos, pois diferentemente destes últimos, além de não livres, são improdutivos e inúteis.

Compreende-se, com essa citação, a lógica seguida por Freire (1987, p. 23) quando escreve na epígrafe de sua mais importante obra *Pedagogia do oprimido* “esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem”, para, de forma bastante sensível, referir-se a sua maneira de entender a educação libertadora.

Dando continuidade ao raciocínio desenvolvido neste artigo, afirma-se que nem bem se conseguiram resolver essas questões durante as duas primeiras décadas do século XXI, e o contexto se deteriora ainda mais com alguns agravantes: crise econômica mundial instalada; desvalorização da ciência, com ideias negacionistas emergindo com força; crise de saúde pública por conta da pandemia; além de apontar para possíveis retrocessos em relação a alguns poucos avanços já obtidos, ou com chances de se instalarem na educação, a exemplo de mudanças no desenho curricular de alguns sistemas de ensino e em algumas regiões do país; as formas de abordagem de conteúdos para que não fossem engessados ou estanques, mas trabalhados de forma inter ou transdisciplinaridade, etc. Ou seja, avanços resultantes de reflexões a partir das severas críticas ao colonialismo, ao eurocentrismo dominante e ao qual estamos submetidos no Ocidente, como denunciam Santos e Meneses (2010) em “Epistemologia do Sul”. Mas, afinal, como se comporta a sociedade diante disso?

Há os que defendem a existência do marxismo cultural e admitem que, assim como outrora a teoria da conspiração “ameaça comunista” foi utilizada no Brasil para instaurar a ditadura, o momento agora seria de infiltração de ideias marxistas, desestabilização de valores cristãos, tradicionais e ocidentais; luta pelos direitos humanos e causas progressistas, como as minorias, os negros, índios, mulheres, entre outras, que, com o apoio da educação, das mídias, dos sindicatos, seriam disseminadas. Os que pensam assim mostram-se mais conservadores e são considerados de extrema direita, no Brasil; veem aí uma possível teoria da conspiração e os ensinamentos de PF como estratégia para converter a sociedade ao modelo comunista (PORFÍRIO, s/d online).

Há também os que demonstram adesão ao neomarxismo (marxismo cultural), criado a partir das ideias inspiradas no filósofo Antônio Gramsci e nos filósofos da Escola de Frankfurt que se mostravam opostos aos regimes fascista e nazista e, até mesmo, do marxismo original que vigorou na União Soviética. O neomarxismo suaviza a influência e a rigidez do materialismo dialético do marxismo original, resultando na valorização da cultura e das ideias, conceitos (PORFÍRIO, s/d online); concebendo-os não apenas como reação às forças econômicas, o que acabava por promover as lutas de classes ou a revolução do proletariado Gramsci (1981 apud Coutinho, 1981).

¹ Materialismo histórico-dialético como concepção filosófica e método científico que entende a matéria em constante relação dialética.

² Mais-valia em referência ao valor criado pelo trabalhador com sua força laboral.

Assim, o neomarxismo amplia o conceito de conscientização, por exemplo, entendendo que o contexto em que se dá a opressão passa a ser tão importante quanto quem é o opressor, e quem é o oprimido. Para melhor compreender, analisemos o raciocínio de Mühl (2021, p. 14), em que defende que a visão do oprimido numa ótica fatalista e dócil seria a de que:

[...] o oprimido compreende a sua situação e o seu sofrimento não como um produto da exploração em que está submetido, mas como uma consequência da determinação de forças transcendentais ou da vontade de deusas. Diante dessa concepção, submeter-se e aceitar o destino torna-se uma decorrência natural.

Entretanto, numa visão freiriana, em que se defende a pedagogia da esperança; a condição ontológica para ser-mais; a tendência do ser humano à autonomia; a transformar sua vida e o mundo a sua volta, essa visão fatalista cederia espaço a uma concepção de que a conscientização ou a esperança por si só, embora ontológica, não redundaria em libertação: vai exigir sempre um esforço pessoal; responsabilidade para com sua vida e com o bem coletivo; luta contra a situação de opressão a que se está sujeito. Enfim, exigirá a práxis, já que, como defende Freire (1997, p. 10), “A esperança é necessidade ontológica (...). Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial histórico”. Logo, para Mühl (2021, p. 14) “[...] a potencialidade da esperança, da vocação humana para a autonomia, para a autodeterminação. Trata-se de uma potencialidade já existente, mas que precisa ser transformada em consciência, pela reflexão e pela ação de rebeldia, de inconformidade”, o que se avalia como coerente.

Grande parte dos que sustentam esse posicionamento neomarxista na sociedade brasileira representa os menos conservadores, mais abertos ao novo. Geralmente não se opõem aos ensinamentos de PF nas escolas ou outras instituições formadoras, pois não os vê como perigo à sociedade; como subversiva; como pedagogia doutrinária e vazia de conteúdo. Ao contrário, entendem a educação como ato político, mas não partidário, como nos ensina PF. Compreendem que a epistemologia freiriana interessa pela sua condição de promover e fortalecer a democracia plena, já que almeja a participação de todos ativa e criticamente, nos diversos espaços sociais, econômicos, culturais ou políticos, ou seja, uma pedagogia que conscientiza e emancipa a população humana como um todo.

Esse grupo acredita que PF promove a emancipação e a libertação - e então, mais do que nunca - faz-se necessária uma educação para a liberdade, humanização, senso crítico e emancipadora, de fato, evitando-se a contingência das amarras do opressor (MÜHL, 2021). Principalmente, se se consideram as tecnologias com seus mecanismos de manipulação e controle que, sabido de todos, atendem a interesses e demandas de grupos hegemônicos, elitistas que circundam ou se alocam no poder. Haja vista o poder das *fake news* (pós-verdades) e o estrago que vêm causando às sociedades.

Nesta perspectiva, o grupo dos menos conservadores entende educação como situação gnosiológica; professor como mediador (comunicador) e aluno como sujeito que pensa (intersubjetivamente) e que constrói seu conhecimento nessa mediação, nessa comunicação, e a partir do objeto cognoscível.

Freire (1983, p.46) afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Logo, para esse autor, a educação é dialógica, democrática, libertadora e emancipadora.

A escola de Frankfurt propôs ainda a teoria crítica³ que apregoa a reformulação das ideias da sociedade ao defender a formação de indivíduos livres, racionais e críticos, como forma de superar o que desprezava, na indústria cultural que, segundo os filósofos que fazem parte dessa escola, não formava leitores/cidadãos críticos, e ainda, manipulava os indivíduos, homogenizando comportamentos e transmitindo culturas e ideologias a serviço de tendências políticas. Situação bastante próxima e similar à situação que se vive atualmente com as *fake news* e os desvios de informação e conceitos que elas promovem, como já mencionado acima.

Portanto, as ideias marxistas/neomarxistas voltam ao debate. E, juntamente com elas, as ideias de Paulo Freire, sim. Elas coadunam com alguns princípios do marxismo/neomarxismo e alguns propósitos da teoria crítica, mantendo-se atuais, em relação aos anseios de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais cidadã, já almejados outrora, e não alcançados ainda. Não se pode afirmar que tenha havido no país uma educação participativa, democrática e que forme para a cidadania.

Na próxima seção apresentaremos os fundamentos filosóficos e epistemológicos freirianos, sempre dialogando com as ideias de Mühl (2021), entre outros.

PAULO FREIRE: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E EPISTEMOLÓGICOS

Paulo Freire é um educador que defende a educação libertadora, emancipadora e integral do ser humano. Logo, sua rica vida de educador, alfabetizador, político, militante, defensor dos oprimidos, dos injustiçados, “dos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem” (FREIRE, 1987, p. 23) serve ainda de inspiração para muitos educadores, na esperança da construção de um mundo melhor, mais justo e menos violento.

Embora lhe pese aos ombros a crítica de que muitos dos elementos de seu pensamento não são originais; de que não foi um pesquisador aos moldes da academia e de que é um doutrinador, o que se busca enaltecer neste artigo é o traço mais forte da pedagogia freiriana: a educação para a liberdade e para a emancipação. Portanto, o fundamento filosófico central de sua epistemologia: a educação como prática de liberdade. Logo, uma educação “comunicação”, dialógica e problematizadora; e não apenas “extensão”, transferência de saber (FREIRE, 1983).

Contextualizando para uma melhor compreensão, temos que com a queda do comunismo na Rússia, o capitalismo volta a ganhar forças em muitos espaços. A luta pela conquista de mercado foi intensa, numa geopolítica sem precedentes. Assim, algumas das mazelas previstas e criticadas na teoria marxista, a exemplo da globalização, com a internacionalização de mercado; do aumento das desigualdades sociais; das crises econômicas cíclicas e recorrentes que se vislumbrava; do aumento também dos lucros dos produtores e a formação de monopólios (e até duopólios, segundo algumas críticas) se fizeram presentes antes, e se fazem ainda na sociedade atual (PORFÍRIO, s/d online), exigindo que a educação cumpra cada vez mais seu papel de educar para a cidadania, considerando o ser humano em sua integralidade, em todas as suas dimensões.

³ Teoria crítica porque se contrapõe à teoria tradicional de cunho positivista, tensionando presente e passado.

Uma simples análise da História aponta as nuances assumidas pelo marxismo, desde sua configuração inicial até mesmo em sua nova abordagem (neomarxismo/teoria crítica) após estudos do grupo de Frankfurt e inspiradas em Gramsci. Aponta também a convergência de alguns desses princípios e concepções marxistas com os que matizam a pedagogia freiriana, tais como: a necessidade de uma formação dialógica; uma formação para a autonomia, seguindo a natureza ontológica do ser; para a conscientização do ser, em nome da responsabilidade com sua vida e seu entorno e, por último, emancipadora e construída na humildade e no amor.

Desse modo, ensinamentos de Freire (1983, 1987, 1997), bem como de outras epistemologias convergentes, a exemplo da teoria do pensamento complexo com seus princípios hologramático, recursivo e dialógico, devem ser acionadas em nome da preservação dos direitos dos cidadãos, dos direitos humanos e em busca por uma sociedade mais equânime, justa e menos violenta. Porém, esses ensinamentos, mesmo tendo sido amplamente debatidos e difundidos nas universidades e outros centros de formação, não se consumou de fato como proposta sistemática e criteriosa em nenhum sistema de educação, no Brasil. Ocorre caminho inverso: tem-se presenciado/ouvido discursos em favor da expulsão de PF das escolas, permitindo condições para que o autoritarismo e o distanciamento do caráter social e humano, próprio da pedagogia libertadora, instalem-se. Até mesmo no fazer pedagógico isso é sentido com a valorização da volta do tecnicismo que se supunha superado e no "lixo da história".

Assim, nas primeiras décadas do século XXI, surge, e mantém-se entre nós ainda, a acusação, por parte de setores conservadores da escola e da sociedade brasileira, de que o ensino médio, de modo geral, estava doutrinando os alunos, através da filosofia marxista cultural de PF, ao disseminar ideias socialistas e subestimar estruturas religiosas, capitalista que criam condições para a instalação do comunismo. A defesa do projeto 'Escola sem partido' foi/é tão vigorosa quanto descabida.

Sobre a aplicação dos fundamentos filosóficos freirianos na educação brasileira, Fagundes e Barbosa (2019) comentam:

Apesar de ser inspirador e de ter se transformado em patrono da educação brasileira, suas ideias são usadas pontualmente, e não como uma política pública aplicada ao sistema educacional brasileiro como um todo. Os governos anteriores, por mais que tivessem nas ideias de Freire um norte, não quiseram (ou não souberam) aplicar suas teorias em nosso sistema educacional. (s/p online).

Essa citação reitera e corrobora a tese inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se a escritura deste artigo com a sensação de ter apontado possíveis convergências e distanciamentos entre Marx e a epistemologia de Freire, demarcando a pertinência dos construtos teóricos freirianos na contemporaneidade, ao mesmo tempo em que se sinalizaram algumas divergências, tanto por conta do dinamismo dos contextos em que se fazem (fizeram) presentes os fundamentos e concepções de PF, quanto das necessárias releituras, ressignificações e ajustes que demandam a cada situação emergente, em nome de uma educação verdadeiramente libertária.

Também se compreendeu que a epistemologia freiriana, de cunho essencialmente filosófico-humanista, não é valiosa apenas porque cons-

cientiza o sujeito. Mas sim, porque possibilita ao aluno/indivíduo reconhecer-se como sujeito participe de sua aprendizagem; é muito mais que apenas conscientizar, pois redundando na concepção de prática educativa (práxis) que encaminha para a educação libertadora e emancipadora, que ainda precisa ocorrer, de fato, em nosso país. Daí a impertinência da crítica sofrida pelo educador de ser um doutrinador a serviço da instalação do comunismo no país ou na América Latina.

Assim, o legado atemporal e vultoso de PF há de permitir-nos uma 'licença poética' para concluir este texto de caráter científico, brincando com o aspecto fonológico das palavras 'lixo' e 'nicho' e, ao mesmo tempo, retomando o discurso que serviu de mote às reflexões, para dizer em alto e bom tom: É preciso colocar Paulo Freire em seu devido lugar, que é o do 'nicho' na história, jamais o de 'lixo'.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, C. N. **Gramsci**. Porto Alegre: L&PM, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 8ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 16ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MÜHL, E. H. Ainda Paulo Freire: um ensaio sobre a atualidade da Pedagogia do Oprimido. In: **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-23, e Disponível em <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

PORFÍRIO, F. Marxismo. IN: **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceitos-marxismo.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

SANTOS, B. de S; MENESES, M. P.(Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

FAGUNDES, R. S. & BARBOSA, W. Por que o sistema educacional brasileiro nunca adotou Paulo Freire na prática? In: **O pensamento em ataque**. Edição 138, 3 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/por-que-o-sistema-educacional-brasileiro-nunca-adotou-paulo-freire-na-pratica/>. Acesso em: 19 de julho de 2021.